

I do. Research training for young historians.
Seminários do 1º Ciclo de História 2012
(12-26 Abril)

Na certeza de que fazendo se aprende, no pretérito ano lectivo de 2011/2012, duas das docentes – Irene Vaquinhas e Maria Alegria Fernandes Marques – a quem coubera a leccionação do Seminário de 1.º ciclo em História, entenderam por bem ir além das comuns práticas neste tipo de cadeiras.

Sendo certo que em todos os Seminários, de todos os ciclos de estudo do Curso de História e em grau diverso, consoante o ciclo, se pretende que os alunos se dediquem à investigação histórica, numa salutar prática de partilha de gabinete, aquelas docentes entenderam fazer culminar a actividade lectiva com um momento de apresentação pública dos trabalhos dos alunos. Ora, sendo docentes de áreas bem diversas – História Contemporânea e História Medieval –, a partir da concordância no interesse da actividade, havia que procurar um denominador comum, capaz de congregar os estudantes e de os fazer colocarem-se na sintonia cronológica dos temas que haviam estudado. Analisados estes e as fontes utilizadas, o critério acordado recaiu sobre o tipo de fontes utilizadas, uma vez que, tanto uma como outra, tinham orientado alunos em trabalho de arquivo, desenvolvido no Arquivo da Universidade de Coimbra.

Os alunos seleccionados pela Professora Doutora Irene Vaquinhas fizeram incidir os seus estudos sobre documentos do núcleo do Governo Civil de Coimbra: passaportes, cartas de chamada, licenças de uso e porte de armas, criminalidade. Já quanto aos orientandos da Professora Doutora Maria Alegria Marques, estudaram pergaminhos do mosteiro de Roriz e, um terceiro, trabalhou sobre o *Livro Preto da Sé de Coimbra*, obra que é indissoluvelmente ligada a este Arquivo, pela sua monumental edição¹.

Durante o trabalho lectivo, tinha havido a preocupação fundamental de transmitir aos discentes as noções essenciais do *modus faciendi* do trabalho de investigação histórica e pô-los em contacto directo com documentos,

¹ *Livro Preto da Sé de Coimbra: edição crítica: texto integral* (ed. por Manuel Augusto Rodrigues, com direcção científica de Avelino de Jesus da Costa), Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999.

convertendo a sala de aula num *laboratório de produção do conhecimento histórico*. Depois da abordagem aos materiais do Arquivo que pudessem ser alvo de estudo, havia que passar à parte prática da questão, que é como quem diz, fazer perceber, aos alunos, como se produz História. Como saber o que seleccionar e o que excluir? Que metodologias científicas utilizar? Como organizar o material recolhido? Escolhidas as fontes, definido o objecto de estudo, avançaram com empenho, seriedade e rigor para a análise dos documentos tendo procurado fazer falar documentos adormecidos. Os trabalhos finais que realizaram superaram as expectativas, tanto que foram classificados com a nota mínima de 17 valores.

Mas o trabalho, o processo, foi a oportunidade para os alunos perceberem as dificuldades que levanta a pesquisa documental e a(s) forma(s) de as ultrapassar, de entenderem as vantagens e os condicionalismos das fontes consultadas, de entreverem o seu alcance e significado e de perceberem que, perante elas, o historiador tem que fazer escolhas, assumir estratégias e aplicar métodos. Em suma, aprendizes de historiador puderam sentir que estas são apenas algumas das questões que se colocam no trabalho de Heurística e tiveram que procurar-lhes a melhor, ou, na ocasião, a mais adequada resposta. Puderam perceber, afinal, a dimensão das palavras de Michel de Certeau: “Em história tudo começa com o gesto de *pôr de parte*, de reunir, de transformar, assim, em “documentos” certos objectos distribuídos de maneira diferente. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo facto de recopiar, transcrever ou fotografar esses objectos, mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física. Ele forma a colecção”².

Contudo, isto seria o trivial, que as docentes quiseram ultrapassar. E desejaram-no num quadro de plena integração dos alunos, dando-lhes a oportunidade de levar a cabo a organização de uma sessão de apresentação pública dos seus trabalhos. Isto é, pretenderam que o resultado do trabalho de investigação de cada um não se confinasse às páginas fechadas de um pequeno dossier, para se volverem em ocasião de mostra e de partilha de conhecimentos, métodos e dúvidas.

² “A operação histórica”, *Fazer História*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p. 35-36.

Então, com o completo envolvimento de todos os alunos – e bem distintos eles eram em idades, formações, interesses e objectivos –, com o objectivo de realização de uma sessão de apresentação pública dos trabalhos, organizaram-se as diversas tarefas, desde a concepção e elaboração do cartaz de divulgação, à indicação dos documentos da pequena exposição que acompanhou a iniciativa, à organização da sessão, aos pormenores gerais da apresentação propriamente dita. Na verdade, pelo número de intervenientes e pela organização da vida escolar dos intervenientes, houve que gizar a sessão de apresentação em dois momentos, que tiveram lugar a 12 e a 26 de Abril de 2012, na Sala D. João III, do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Na primeira, foram intervenientes Pedro Peixoto e Helena Ladeiro (*O mosteiro de Roriz no século XIV e primeira metade do século XV*), Jorge Tomé (*Cartas de chamada...à distância de uma palavra (Março e Abril de 1916)*), António Cabete (*Infortúnios nos caminhos da emigração (1885-1929)*), Ana Catarina Alves (*Coimbra, lugar de passagem. Estrangeiros na cidade durante o período da 2ª Guerra Mundial*); na segunda, António Nunes (*As terras de Tábua na Idade Média (séculos XI-XIV)*), Mónica Santos (*Armados! Em Coimbra 1919-1920*), Ana Sofia Pereira (*Aspectos da criminalidade em Coimbra captada através das queixas à polícia (1º Trimestre de 1918 e 1919)*) e Sandra Vasques de Sousa (*Notas de Criminalidade – Análise da Criminalidade em Coimbra, através das queixas e participações ao Comissariado da Polícia Civil de Coimbra, 1919*).

Em ambos os momentos, houve lugar ao debate, com a apresentação de questões, dúvidas, sugestões, mas também de testemunhos de quem fez, de quem praticou, de quem experimentou.

Se, no início, os tinha guiado alguma curiosidade e a necessidade de cumprir uma tarefa, no final, eram nove alunos mais ricos de experiência, mais despertos para o fazer, mais abertos à dúvida, mais compreensivos à dificuldade, mais tolerantes à crítica. Mas também mais desejosos pela repetição da experiência.

Pela nossa parte, cremos bem que a iniciativa proporcionou um incentivo à aprendizagem de metodologias e à prática de escrever história.

Por fim, importa registar os apoios que a iniciativa colheu: Doutor José Pedro Paiva, Director do Arquivo da Universidade de Coimbra, que, desde a primeira hora, a acolheu de braços abertos e nos facultou o uso do espaço

onde decorreu a sessão; Doutor João André, Director do Departamento de História, Arqueologia e Artes pelo apoio financeiro ao material de divulgação; Doutor João Marinho dos Santos, director do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, pelos livros ofertados; Doutora Isabel Mota, Directora de 1.º ciclo, pelo enfoque institucional que tributou ao evento; fotógrafa Ana Perovskaya, pela criatividade artística que colocou na foto e no design do cartaz.

E, sobretudo, felicitar os alunos, pelo seu inquestionável e absoluto envolvimento.

Coimbra, 29 de Julho de 2012

Irene Vaquinhas

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CHSC
irenemev@fl.uc.pt

Maria Alegria Fernandes Marques

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CHSC
mfm@fl.uc.pt

Encontros Culturais em São Cristóvão de Lafões Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 12 e 13 de Maio de 2012

A exemplo dos anos anteriores, mais uma vez o mês de Maio proporcionou, aos interessados, uma nova reunião científica no mosteiro de S. Cristóvão de Lafões. Tratou-se do VIII dos *Encontros Culturais de S. Cristóvão*, desta feita anunciado sob o tema de *Monasticon (II) – nos caminhos de Cister*.

Com efeito, tal realização não poderia ignorar o ano de início das comemorações do centenário da entrada de Bernardo de Fontaines em Cister. O Encontro do presente ano pretendeu, por isso, dedicar-se a alguns aspectos que conformaram a vivência cisterciense, proporcionando novos enfoques sobre a presença de Cister em Portugal. Abarcaram-se perspectivas novas dentro dos *Encontros* ou aprofundaram-se temáticas já afloradas em edições passadas, vistas, agora, sob novos olhares e interpretações.

Cuidou, assim, de se tratar das *Expressões do monaquismo cisterciense*, com intervenções de Pedro Gomes Barbosa (Faculdade de Letras da